



DA ÁGUA À PLANÍCIE: PARA RECORDAR BUDAPESTE

Eduardo José Reinato*

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO

eduardo.reinato63@gmail.com

John Lukacs, é um historiador húngaro-americano que já escreveu mais de 30 livros, incluindo **Cinco Dias em Londres, Maio de 1940** e **Uma nova República**. Lukács nasceu em Budapeste, filho de pai católico e mãe judia. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele foi forçado a servir em um batalhão de trabalho húngaro para os judeus. Durante a ocupação alemã da Hungria em 1944 – 1945 ele conseguiu escapar da deportação para os campos de extermínio, e sobreviveu ao cerco de Budapeste. Em 1946, quando se tornou claro que a Hungria ia ser um regime comunista, migrou para os Estados Unidos. Neste país, tornou-se professor de história na Chestnut Hill College de 1947 a 1994. Atuou como professor visitante na Universidade Johns Hopkins, Columbia University, Princeton University, Universidade La Salle, Regent College, em British Columbia e da Universidade de Budapeste, e Faculdade Hanover.

Em Budapeste 1900: Um Retrato Histórico de uma cidade e sua cultura¹ (ele se preocupa com Budapeste, na virada do século. Embora Lukács insista na importância especial de 1900, há na verdade muitos “divisores de águas”, desenvolvimentos que podem ser datados tanto antes e depois de este ano. Lukacs traça um quadro sofisticado e convincente de uma das grandes cidades europeias do século XIX. Budapeste forma com Londres, Paris e Viena as capitais políticas e culturais do século XIX. Em termos de crescimento da população, a expansão material, e exuberância cultural, esta cidade

* Doutor em História Social na Universidade de São Paulo(2003). Tem experiência na área de pesquisa em História, com ênfase em História da Cultura, e História Latino-americana. Professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde atua como pesquisador na abordagem das seguintes temáticas: História das Cidades, História Cultural, História do Imaginário, e História da Cultura do Mundo do Trabalho e da Formação de Trabalhadores. Professor do Mestrado em História: cultura e poder da PUC Goiás e do Mestrado em Performances Culturais na qualidade de professor colaborador. Professor do Mestrado em Performances Culturais da UFG.

¹ LUKACS, John. **Em Budapeste 1900:** Um Retrato Histórico de uma cidade e sua cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, 305 p.

estava entre os principais centros metropolitanos do mundo, berço de talentos como Bartók, Kodály, Krudy, Ady, Molnár, Koestler, Szilard, e von Neumann, entre outros .

A proposta de John Lukacs é a de apresentar um retrato histórico e cultural da cidade, seus pontos turísticos, sons e habitantes, a cultura artística e material; sua dinâmica de classe, seus desenvolvimentos políticos, bem como o papel essencial desempenhado por sua população judaica em uma perspectiva histórica que descreve a ascensão da cidade e seu declínio no turbilhão do século XX. O autor de Budapeste 1900 foi capaz de captar a glória de uma cidade na virada do século, preparada no momento de suas maiores conquistas, e diante do enfrentamento de demandas de uma nova era que se avizinhava naquele momento de passagem secular.

A abordagem abrangente é a tônica do livro e funciona melhor nos primeiros capítulos em que se conta a história de Budapeste desde 1815. Uma sucessão de reis, vice-reis e paxás, habitantes dos palácios e casarios de Buda. Lukacs nos chama a atenção para que, oficialmente, não existiu “Budapeste” antes de 1873, quando as cidades de Buda, Peste unidos a Obuda para, enfim, formar o que a partir de então convencionou-se a identificar como Budapeste.

Como em outras cidades europeias, final do século XIX e início do século XX, Budapeste testemunhou a transformação radical de sua aparência e em sua vida social e econômica. Sua população, que tinha chegado a pouco mais do que 60.000 habitantes na virada para o século XIX, subiu para 300.000 por volta de 1873 e explodiu para 880.000 em 1910. Como a cidade cresceu, tornou-se também mais caracteristicamente “magiar”. Este predomínio magiar/húngaro revelou-se não só na língua, na administração, na educação, mas, sobretudo, também em sermões, jornais, placas de rua e teatro.

Com a dissolução do Império Habsburgo, Budapeste tornou-se a capital de um país pequeno. Lukacs estava entre aqueles que testemunharam sua transformação de uma bela metrópole - em alguns aspectos a mais bonita do mundo. Como observa Lukács, Budapeste foi uma das três capitais que sofreram destruição em massa como, sendo os outros Berlim e Varsóvia. Mas ele também era velho o suficiente para ter fixado em sua mente a imagem de uma cidade habitada por gerações anteriores. Mas tal imagem será necessariamente desigual e incompleta e, com o passar do tempo, cada vez mais difusa.

A estrutura do livro é interessante em sua lógica. Transita de uma descrição detalhada dos aspectos físicos da virada do século em Budapeste – sua situação

geográfica, a sua divisão em distritos, sua arquitetura pública, etc. Depois o autor se concentra na percepção da conta de seus habitantes (incluindo a consideração de classe e as diferenças étnicas), seguido por sua vez por uma olhada municipal. Como Budapeste não pode ser inteiramente compreendida isolada do país de que faz parte, sua relação com a política nacional, bem como a vida cultural e intelectual da cidade.

Em 1900, Budapeste era a mais jovem metrópole de toda a Europa e, depois de Chicago, talvez no mundo. Nas últimas três décadas do século XIX, crescera mais rápido do que qualquer cidade europeia, com exceção talvez de Berlim. De 1890-1900 sua população aumentou em mais de 40%, com 733.000 habitantes. Foi a sexta maior cidade da Europa, e um dos maiores centros entre Viena e São Petersburgo. Em 1720, cerca de três décadas após a queda dos turcos, a população combinadas de Buda e Pest ascendeu a cerca de 11.000.

Foi esse crescimento rápido de Budapeste em 1900 significativamente maior do que as outras cidades da Hungria, superando de forma sem igual entre metrópoles europeias. Foi também o único oásis essencialmente do capitalismo em um deserto em grande parte das relações feudais ou semif feudais que ainda caracterizam a Hungria como um todo.

Ainda assim, em Budapeste, em 1900, tinha ainda um toque provincial. Não há dúvida de que contribui para esta atmosfera foi que, apesar de seu crescimento monstruoso, Budapeste parece, na evidência de fotografias antigas, ter sido relativamente não congestionada por multidões nas ruas. Como Lukács lembra-nos, fotografias de tanto tempo atrás, como a década de 1880, mostram que, em cidades como Londres, Nova York, Chicago e Paris, as multidões ao ar livre, incluindo engarrafamentos. As avenidas em Budapeste aparecem mais vazias. A cidade parecia vazia e muda. Uma das razões para a relativa ausência de rua multidões supõe Lukács, foi a de que a maioria das pessoas passava uma boa parte dos dias dentro de suas casas, quando não nos Cafés. Isto não é tão simples quanto parece. Apesar de geralmente morando em quartos apertados em casa, os habitantes de Budapeste preferiam a permanência dentro das casa.

A criação de Budapeste ocorreu formalmente ou oficialmente, apenas em 1873, com a unificação de Pest, Buda e Buda Antigo. Isso ocorreu seis anos após o compromisso de 1867, quando a Hungria havia se tornado uma nação parceira da Áustria, na composição do que ficou conhecido como “Monarquia dual”. Muito do

trabalho de base para a unificação já havia sido estabelecido, incluindo as medidas concretas adotadas por István Széchenyi, apelidado por seus contemporâneos como o “maior dos magiares”.

Em 1900 havia apenas um habitante de Buda para cada seis pessoas que viviam em Pest. Considerando que o sítio de Buda expandiu para as colinas circundantes. Pest, por sua vez, foi se transformando no centro das finanças e do comércio. Este crescimento e expansão não era peculiar à Budapeste, mas era parte do crescimento econômico experimentado pela maioria das cidades (incluindo, naturalmente, Praga e Viena) durante o início da década de 1870 até 1890.

Lukacs considera que Budapeste foi (e é) abençoada talvez em primeiro lugar, por sua situação física. O Danúbio, dobrando a norte da cidade e continuando para o sul divide a atual Hungria ao meio. Budapeste também se divide em duas metades aproximadamente iguais. Isto é um contraste muito definido em relação a Viena. Esta cidade se encontra majoritariamente localizada na margem direita do grande rio Danúbio.

Em Budapeste este magnífico cenário natural se junta ao cais e com enormes paredes de pedras cinzas de origem vulcânica. Da mesma forma, destaca-se o grandioso e neogótico edifício do Parlamento (uma espécie de Abadia de Westminster, que foi terminada somente em 1902). Some-se a essa paisagem os hotéis de luxo e edifícios de escritórios monumentais no lado Pest, Castle Hill, o Castelo Real (não terminado até 1905), e mais ao norte as torres góticas da Igreja da Coroação do lado de Buda. Além disso, havia as várias pontes cortando o Danúbio, incluindo a atraente Ponte Elizabeth (ainda em construção em 1900) e da Ponte Chain (já com cerca de meio século de idade, em 1900). Junto a Buda, pode-se se ver cada vez mais incorporados a ela uma série de altas colinas verdes.

Esta é a configuração geral. Mas Lukács vai muito mais longe, dissecando a Budapeste de 1900 em seus 10 distritos constituintes (três em Buda, sete em Pest). Ele dá um retrato extremamente detalhado de cada dos principais bairros, dizendo-nos o suficiente sobre os outros. O distrito de Castelo, ou o Primeiro Distrito, continham mais edifícios antigos – casas antigas de estuque amarelo, que desde 1830 eram muito admiradas pelo francês Jerome Tharaud. Foi também o distrito do Castelo Real, Bastião dos uma arquitetura neoromânica, um número de novos edifícios governamentais, e a Igreja da Coroação recém-restaurada em 1900. Uma característica da época enfocada

pelo autor foi a de que a encosta sul de Castle Hill era bastante insalubre, mas sendo, no entanto, menos ruidosa em relação ao distrito conhecido como a Taban, que desapareceu. Ao se perder esta parte da cidade, perdeu um núcleo de vida boêmia, repleta de bares, prostíbulos e casas de jogo. Em 1900 sua população era formada por uma mistura de sérvios, húngaros, gregos e ciganos.

Além de Castle Hill, e em grande parte para o norte da mesma, foi o Segundo Distrito, os Vizivaros ou Cidade da Água. Aqui poderia ser encontrado o remanescente de uma comunidade alemã de velhos artesãos. O Terceiro Distrito, ou Buda Antiga (Óbuda), era o local das ruínas de Aquincum, uma antiga cidade romana. Também continha dois dos banhos minerais mais antigos e famosos: as Termas do Império e os banhos São Lucas. Encravado entre o Terceiro Distrito (mas, na verdade, formando uma parte dela) e no Distrito de Água ficou Rose Hill (Rózsadomb), nomeado para suas roseirais aromáticas, plantados há cerca quatro séculos antes por um funcionário benevolente turco.

No entanto, foi do outro lado do Danúbio, em que o dinamismo da cidade brotava de forma mais manifesta. O mais antigo, e ao mesmo tempo o distrito menor de Pest foi o Inner City, ou o Quarto Distrito. Mais do que em qualquer outro lugar foi a referência da boa vida da burguesia em evidência. Neste distrito abundavam ruas comerciais, clubes, restaurantes, e os mais seletos hotéis da cidade – entre eles o lendário Bristol – e o Corso, com sua fileira de terraços, cafés e restaurantes. Duas sequências de avenidas largas cercaram o outro. A maior delas o Anel Budapeste – percorre todo o caminho da ponte Margaret (marcando o ponto extremo noroeste da antiga seção do Distrito Leopold) para um ponto sul. Cada parte do Anel foi nomeado por um nome de um dos Habsburgos: Leopold, Theresa, Elizabeth, José, Francisco. Dentro deste semicírculo, formou-se um outro mais curto, um pouco em formato ziguezagueante, com de avenidas curvas a partir da junção do anel Leopold e o Anel Teresa, no norte, para a Ponte Franz Josef no sul. Seguindo a descrição de Lukacs, cortava estes semicírculos a Avenida Andrassy. Era uma pretensão de Budapeste a uma resposta ao modelo de avenida da Champs-Elysees parisiense. Sob esta avenida Andrassy construiu-se no primeiro lugar da Europa a ter uma linha de metrô elétrico, concluído em 1896.

O quinto lugar, o Distrito Leopold, era atravessado pelo abrangente Anel Leopold. Ao sul ficava a parte mais antiga do bairro, que acabou por se tornar na

morada de “mais-ou-menos próspera de judeus húngaros”. Era o local do novo e maciço edifício do Parlamento. Para o norte do Anel Leopold, que em 1900 “foi uma espécie de fronteira urbana”. Lá se destacavam a vasta extensão de “olarias, lotes vazios e chaminés de fábricas grandes. Foi em grande parte para este território desolado que a cidade se expandia durante os últimos anos do século XIX.

A Theresa e distritos Elizabeth (Distritos seis e sete, respectivamente) foram demarcados pelo Avenida Andrassy. Os dois bairros foram fortemente povoados por judeus, que ascenderam a cerca de um terço dos habitantes totais da região. O distrito Elizabeth foi a área mais densamente povoada. Em 1900 tinha 67,6 habitantes por casa, contra a média da cidade de 44,2. O Franz e Joseph, ou o oitavo e nono distritos eram mais velhos que o Elizabeth e o distrito Theresa. Finalmente, a leste destes distritos concentravam-se as seções de proletários de Budapeste, incluindo o Distrito Décimo.

Dentro deste vasta metrópole ainda em expansão, - sem dúvida, a única cidade burguesa então existentes na Europa de Leste - o barulho constante de bondes elétricos, o estrondo dos trens entrando e saindo das estações e os sibilos ocasionais de um automóvel (ainda um som raro em 1900), misturavam-se com o som familiar dos pés de pedestres. Para essa região vinham camponeses das províncias e se constituíam num proletariado significativo.

Em 1900 tinham surgido uma imensa e complicada hierarquia de classes e sub-classes, manifestando-se em tudo: desde a escolha dos alimentos as formas de endereço. Também houve algumas elementos que tenderam a intensificar diferenças entre classe e étnicas. A principal delas foi o idioma: em 1900 era predominantemente Budapeste - na verdade, parecia conter a promessa de se tornar exclusivamente – o Magyar. Infelizmente para o país, se assim era em Budapeste, outra coisa se dava na Hungria.

Lucaks observa a maior mobilidade social em Budapeste em relação a outras capitais europeias. As classes mais pobres encontraram terreno propício para adotar certos hábitos urbanos e alguns padrões burgueses que passaram a se inspirar. Certamente, um dos fatores mais importantes para este maior mobilidade social era o bastante melhorada e escolaridade mais amplamente disponível em Buda e Peste. Isto resultou, entre outras coisas, no declínio de analfabetismo. Houve uma queda do analfabetismo do patamar de 33 por cento, em 1870, para menos de 10 por cento, em

1900. Outro fator foi homogeneização linguística, a magiarização rápida da língua e do comércio de Budapeste.

O padrão avançado de educação, e não só a proliferação de escolas de ensino fundamental, mas de ginásios e universidades (seguindo modelos quase que exclusivamente austríacos e alemães) abriu o caminho para a “Explosão cultural”.

Na confecção do conceito de geração de 1900, Lukács identifica o grupo de escritores, artistas e intelectuais, em que os de formação se deu por volta de 1900. Percebe-se, porém, que há a inclusão de algumas pessoas que nasceram alguns anos mais tarde, mas que ainda estiveram influenciadas pela atmosfera cultural do período. Assim, o livro trata de um grupo de homens e mulheres que fizeram sua formação em Budapeste entre os anos de 1875 e 1905. Assim, o ano de 1900, coincide com um momento em que essa geração se encontra no auge de sua produtividade intelectual.

Passando agora para o principal argumento, Lukács identifica três núcleos distintos deste modernismo emergente húngaro. Primeiro, houve o esforço húngaro para ser mais urbano e cosmopolita. Em segundo lugar, foi o desejo de cavar fundo dentro da cultura nativa, para gravar, o que restava da esquecida cultura popular no interior da Hungria. Finalmente, houve a terceira alternativa, que se interessava em retratar o macrocosmo da Hungria, entendendo esse macrocosmo como um mundo para além da Hungria, e não se prendendo a um passado de cultivo de antiguidades. Ele dá como exemplos de nomes como o de Ferenc Molnár, Béla Bartók e Krudy Gyula respectivamente. Esta maneira de distinguir as diferentes tendências dentro do movimento modernista na Hungria é bastante convencional.

Enquanto Lukács reconhece que a instituição do café foi um fenômeno Central Europeu não peculiar a Budapeste, ele, no entanto, confere a Budapeste a distinção de ser uma prática de convívio cultural mais velha do que se tornou a cultura dos cafés de Viena. Ele apresenta um argumento que o “hábito de beber café turco” era adotada pelos húngaros já no meio de meia-final do século XVI.

Lukács dedica ainda cerca de metade do espaço de suas reflexões para a análise dos pintores húngaros do que ele fez para para os escritores. Apresenta-nos, entre outros, Tivadar Csontváry, József Rippl-Rónai, Béla Iványi-Grundwald, Lajos Gulácsy e Simon Hollósy, a maioria dos quais, vieram “de famílias da velha aristocracia Magyar culta das províncias. Aponta-nos a ironia inerente ao fato de que, no momento que Budapeste foi se tornando a atração cultural da Hungria, esses pintores faziam o

caminho inverso. Na verdade os pintores estavam indo para o campo, para o interior da Hungria, visando ampliar e as vezes buscar sua inspiração.

A explosão do *plein-air* tinha tocado a Hungria tardiamente. Assim, os artistas buscavam recuperar o tempo perdido de observação da natureza *in loco*. Escolas surgiram em Nagybánya, Szolnok e Gödöllő, em 1895, 1899 e 1911, respectivamente. No entanto, foi em Budapeste que se localizavam museus, comerciantes de arte e galerias. Dessa maneira, os artistas tiveram que ir para a cidade estabelecer suas reputações.

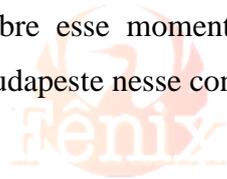
No campo da música – a que Lukács devota menos espaço ainda do que ele poderia ter feito. Kodály e Bartók desenvolveram-se seus talentos em aldeias distantes. Ainda que estivessem vinculados a captar uma música do povo, esta só poderia ter uma audiência em um público sofisticado, que, em 1900 encontrava-se em Budapeste. Já na introdução Lukács, com o objetivo de delinear tendências de húngaros e austríacos nas artes, afirma: Para ele tanto os novos pintores húngaros Ferenczy, Hollósy, Rippl-Rónai e Csontváry não tinham aprendido nada de Klimt, Schiele e Kokoschka. Os escritores Krudy, Kosztolanyi, Ady e Babits eram muito diferentes de Musil, Trakl, Hoffmannsthal. Na música Bartók e Kodály tinham pouco em comum com Schönberg e Webern... Isso poderia ser interpretado como uma questão de senso comum, mas, com todo o respeito devido a Lukács, acho uma generalização infundada, e caracterizada muito mais pelo desejo de valorização da produção cultural húngara, do que um fato de identidade que se confirme de forma rigorosa diante das evidências. No entanto, basta uma atenta observação em torno da arte gráfica, com destaque para figuras como Sándor Nagy, Kozma Lajos, Révész Béla e Tichy Gyula, em que se torna quase impossível não detectar a influência de Klimt.

Por fim, Lukács levanta um problema comum para a última parte do livro: a relação da cidade com o Estado. Dada a preeminência de Budapeste em assuntos nacionais, é tentador ver história húngara do século XX apenas como a história de Budapeste em larga escala. Por outro lado, com a crescente intervenção do governo nacional em assuntos municipais ao longo do século XX, fez com que a cidade, às vezes, desapareça no contexto das políticas de estado. Embora seja obviamente difícil separar a história de uma cidade, sobretudo quando esta é uma grande capital, da história de um país pequeno, parece-me que esta é uma questão a considerar. Uma análise mais detalhada do planejamento local e regional, de habitação pública e

transporte, bem como da política econômica, permitiria destacar semelhanças entre Budapeste e outras cidades europeias, no século XX.

Isto levanta uma outra fraqueza do livro: a completa ausência de um quadro comparativo. O autor não nos apresenta quase nada de outras cidades húngaras. Raramente realiza uma comparação com outra cidade europeia. Somente em algumas notas de rodapé faz algumas referências a livros ou autores não-húngaros. Isto permitiria ao leitor uma noção melhor do que é diferente ou até mesmo o que é típico e específico, se for esse o caso, sobre a história de Budapeste.

Uma discussão mais ampla da história urbana também sugere uma série de temas e tópicos não abrangidos no presente volume. A relação entre a cidade e seus arredores, o que é fundamental para as considerações da economia urbana e da sociedade, é praticamente inexistente nessa história de Budapeste. O conflito social em todas as suas formas, a partir de distúrbios causados pelas necessidades alimentares e a manifestações de massa, também estão em falta aqui. Uma discussão sobre a cultura popular e os padrões de vida diária poderiam acrescentar ainda valiosas considerações sobre esse momento da história Húngara e europeia, destacando a importância de Budapeste nesse contexto.



www.revistafenix.pro.br